

ALMADA ARTES PLÁSTICAS

(Continuação das págs. centrais)
ceiros são iguais e se comprometem a seguir as regras. De que há-de falar um artista senão de imagens a que dá forma, do arbitrário da sua geometria demiúrgica? Uma criança aceita, compreende, e como que se ante-

cipa às visões do artista. A experiência é um marco a ilustrar as vidas: a recordação comovedora dum aceno que se não verá mais. A porta que se abria para o futuro está agora escancarada. Ninguém para a forçar.

«— Ó pai, ele sabe pouco de Geometria.»

O rei vai nu. Mas ali é mesmo um rei que sabe que vai nu. Que faz da sua nudez o que ela é verdadeiramente e a implanta na praça pública. A lógica infantil, a corrupção do papel pintado com tinta da distinção entre nada e coisa nenhuma, do Pessoa. Almada também procurava na bruma das manhãs de Bicesse a D. Sebastião. Agora já o não procura mais, porque o encontrou.

(Continuação das págs. centrais)
linear, o poder volumétrico e o equilíbrio dos losangos dão a medida da sua obra de mestre.

Vieira da Silva não se perde em futilidades remáticas, pois toda a obra, embora de feição imaginária, assenta num princípio. Ela debruça-se sobre as cidades e dá a sua interioridade em termos subjectivos. «A pintura de Vieira da Silva é para ver e para sentir» e quando nos fixamos, por exemplo, no «Desastre» sentimos todo o drama da guerra que enlutou o mundo. «O atelier em Lisboa» tem marcada solidão e nota de tristeza.

Salientámos já a evolução dos quarenta anos de actividade do artista. Observa-se sempre um caminhar voluntarioso em busca do melhor. A serenidade com que vence os diversos quadrantes estéticos é conseguida à força de génio. Sim, porque em todos estes anos há criação da mais pura, ora em formas de técnicas, ora em inovações de processo.

«A sua arte tem o valor do sonho, o valor da recordação — escreve Philippe Sers. — Que é a recordação senão uma acumulação de vidas coexistentes, de espaços que se perdem com o olhar que conhece a irrealdade das coisas e a importância dos universos paralelos? É essa a sua coragem, simples, mas cheia de firmeza. Dar vida ao irreal, eis o desafio da Arte».

É este o repto que a artista lançou: dar ao irreal uma vida real através da sua grande obra. Seja em que ângulo nos coloquemos, a obra de Vieira da Silva é uma realidade constante, que se depara num mundo estranho. Vieira devassou o inconscível e encontrou a verdade das formas, vencendo os espaços com o saber de mestre e colocando lá dentro o seu ideário estético.

Já dissemos que a crítica está feita e por quem o sabe. Daremos, no entanto, uns apontamentos ligeiros sobre algumas das obras.

«Le violencellise» (1930), óleo sobre papel colado em

cartão é o mais antigo dos trabalhos. Há um quê de ingenuidade dentro de certo equilíbrio. «Le quai de Marseille» (1931), pastel sobre papel, vence pela simplicidade. «Nature morte blue» tem algo de figurativa. Boa unidade cromática. «Portrait d'Arpad» é de certa transparência. «La Machine optique» reveste-se de riqueza pictórica. «Autoportrait» tem o facies de intimidade.

«Ballet» (1946) é sonho e ilusão, a própria sensibilidade da artista. «Arraial» (1950), guache sobre papel tem certo grau figurativo. Em «Composition» (1955), óleo sobre tela, há riqueza de perspectivação e «Alfama» (1957), guache sobre papel, expressa-se o tipismo do característico bairro lisboeta.

Outras notas soltas daremos ainda: «Plage de Vieira» (1957), óleo sobre tela, dentro de um geometrismo, vence toda a figuração. Em «La gare Montparnasse» (1957) há toda a agitação ferroviária delineada espacialmente. «La mera» (1952), um gracioso aponta-

mento marítimo em tempera sobre papel. «Au pur et à mesure» (1963), uma das mais amplas composições, com o melhor equilíbrio linear e pictural. «Le pont sur la ville» (1962-1964), uma das composições de maior relevância da artista. É em óleo sobre tela. «Les degrés» (1964) estabelece um verdadeiro traço de união entre as linhas e a cor, com efeitos surpreendentes.

Vamos entrar agora na última fase (a mais recente, portanto) da artista. É o período que vem de 1967 a 1970, na realidade o mais esfuizante. «Mémoires» (1966-1967), óleo sobre tela, outra composição de nível e de uma gama cromática dos melhores efeitos. No seu tumulto linear há uma expressão de forma e riqueza de cor.

De não menos valia, pela sua amplitude «Couseil du nombre» em que está patente a solução dos espaços. «La Puerta del Sol» (1957) é uma tempera sobre papel, do melhor efeito. «Le sommeil», «Roma», «Málaga» e «Le temps», óleos sobre telas, do ano de 1969, são quatro documentos de apreço.

Vieira da Silva, numa das derivantes do seu labor artístico e espírito criativo, desenhava admiravelmente alguns cartões para tapeçaria, que a manufatura de Tapeçarias de Portalegre executou primorosamente.

Falta referir ainda que, com o mesmo esmero, Vieira da Silva executou uma série de vinte e cinco gravuras a buril para os poemas «L'Inclemence Loinaine», de René Char. Neste ramo, igualmente, a artista revela as suas extraordinárias faculdades.

A Exposição, organizada e apresentada pela Fundação Calouste Gulbenkian nas suas Galerias, que culmina em Lisboa uma importante digressão, é uma das mais elevadas manifestações artísticas e uma lição de um dos maiores génios da contemporaneidade: Maria Helena Vieira da Silva que fica a demonstrar a sua valia no panorama universal da pintura.

TAUROMAQUIA

(Continuação da 6.ª pág.)

y la moral: «Verdadeiramente a festa de touros tem uma categoria, ao que parece, de capital importância; põe em movimento os quatro sumos pontífices, o monarca mais importante da sua época, a Universidade de mais prestígio da Ciência (Salamanca) e a tantos cardeais, arcebispos, bispos, núncios, santos e sábios de primeira planala! Que desporto pode apresentar credenciais dessa categoria, para entrar na órbita dos grandes assuntos mundiais? Mais do que as proibições, a causa de não enraizarem as corridas de touros em Itália foi a falta de terrenos onde se aclimassem e procriassem os touros bravos. Os conquistadores espanhóis introduziram os touros bravos na América, no século XVI, onde dispuseram de terrenos para o gado, vindo periodicamente — ainda hoje — à península a fim de fundar ganadarias ou para «refrescar» o sangue das já existentes.

Desde o começo da criação, os animais estiveram sempre ao serviço do homem. Este serviu-se da força da rês mansa para o trabalho e do touro bravo na arena, por este não prestar para os serviços como o seu congénere manso. Numa fase convergem os dois animais: na morte. Quando abatidos, as suas carnes são destinadas ao abastecimento público. Essas imolações fazem-se por vários processos e em diferentes edifícios. O manso mata-se no matadouro municipal, sendo o executor o chamado magarefe. Para o touro de casta construiu-se propostadamente, no século XVIII, outro matadouro, a chamada praça de touros. Resumindo: o aproveitamento do gado bravo é explorar as suas condições animais, as de combatividade no toureio e, portanto, é a potente razão da existência das corridas de touros.

Trrrrim...

Outra vez, a campanha da porta.

A Senhora Dócelar impacienta-se. Está a ler um belo romance e no momento em que o herói salva a donzela, trrim... a campanha da porta. Por um momento, a Senhora Dócelar pensa não abrir. Mas... e se é alguma coisa importante...? um telegrama...? Pronto, já está estragado o prazer de ler. O herói tem que esperar com a donzela nos braços, até a Senhora Dócelar ir ver quem está lá porta:

— Já vou!

— Bom dia, minha Senhora, Companhia das Águas, para receber.

— Quanto é?

— 43\$50.

A Senhora Dócelar vai à carteira. Só uma nota de quinhentos. Ele terá troco? Vá lá, tem... A Senhora Dócelar já não volta ao seu livro. São horas de preparar o almoço. A cozinha está cheia de sol. Ela põe o avental, abre o frigorífico, tira os bifes.

Trrim...

Não pode ser, quem será agora?

Uma ruga

vinca-se-lhe na testa.

— Bom dia, minha Senhora,

señta do Telefone.

Outra vez a

carteira, os trocos.

Quase meio-dia, e o

almoço sem estar feito.

Trrim...

Não, não, é demais!

O que é agora? Gás

e Electricidade!

Trrim! Trrim!

Quando é que esta

campanha acaba de tocar?

Trrim...

— Ah, és tu João! Se soubesses a manhã

horrible que passei.

— Hum!

— A campanha da porta não parou

Contas e contas para pagar.

O Sr. Dócelar olha a mulher. E os

recibos que ela lhe apresenta. Olha

a mulher e os recibos. Chegar a casa

e deparar com recibos, contas,

maçadas. Em vez dum sorriso,

recibos, contas, maçadas.

Sr. Dócelar, que fazer?

Serviço de Pagamento de Contas

O serviço que o liberta do aborrecimento de pagar, ou de ir pagar as suas contas.

Todas as suas contas: renda da casa, letras, impostos. E todas as outras.

Em qualquer Agência ou Dependência preencha o impresso do Pagamento de Contas.

Previna os seus fornecedores de que o pagamento se fará no Banco Totta & Açores. E fique livre... de contas!

Antes de partir para férias, utilize o Serviço de Pagamento de Contas

Num mundo novo
o Banco Novo



BANCO TOTTA & AÇORES